

UNIÃO IBERO-AMERICANA

Os factos da Historia Universal são essencialmente mutáveis. Nada é definitivo na vida das nações e dos Estados. Patrias se formam, progredem e decaem. Imperios se estendem e esboroam-se. Raças, linguas, religiões, tudo é movido como a areia. Assim morreram a Assyria e a Babilonia, a Phenicia e o Egypto, a Grecia antiga e o Imperio romano.

Este scenario é triste, mas será devido a uma lei da natureza? Porventura, estarão todos os povos condemnados a um processo natural de morte, como o que determina o destino de cada um de nós?

Parece que não. Sabemos que a natureza mata o individuo, mas conserva a especie. Essas civilizações que morreram, essas que caminhavam para a morte, trazem no seu seio o agente de sua extinção. Cultivam o virus fatal, praticando a injustiça, a espoliação dentro e fora do paiz, organizando monopólios e privilegios, opprimindo povos.

Toda e qualquer civilização antiga, todo imperio extinto morreu, porque semeou a morte, praticando a injustiça.

ANARCHIA INTERNACIONAL: A EUROPA

Ainda não foi elaborada a verdadeira civilização. A humanidade não atingirá o apice dos seus destinos, enquanto não tiver "o amor por principio, a ordem por base, o progresso por fim", segundo o preceito de Augusto Comte. Mas para elevar a até essas culminancias, basta organizar o meio juridico, isto é, incarnar a justiça nas instituições sociais. Que nação européia já o fez? Nenhuma. Lá existe certamente sciencia, arte, industria, commercio, productos lentos de uma formação millenaria, mas, quantas vezes a custa da força, de anexações de territorios, de invasões de fronteiras, de guerras e de tributos de guerra, de espoliações de seus nacionaes, de oppressões e tyrannias!

Não nos encanemos de admirar esses Estados poderosos que negaram patria aos finlandezes, aos polacos, aos lithuanios, aos ucranios, aos de Eslevig, aos alsacianos-lórenos, aos bohemios, aos slovenos, aos de Trieste e trentinos, aos croatas, aos húngaros, aos transilvânicos, aos albaneses, aos do Epiro, aos cretenses, aos macedonios, aos armenios, aos irlandeses. E' facil mencioná-los; e difficil é contar-lhes as contas do seu rosario de lagrimas. Povos sem patria apesar de seu estado demographico crescente, apesar de que varios tinham a sua literatura, arte, tradições, sábios, heroes e poetas nacionaes; sem patria como a Polonia, sem patria e sem territorio como os judeus. Victimias eternas do crime europeu, perseguidos através dos tempos, massacrados, espoliados dos seus direitos, queimados! Desde a aurora de sua historia que os Estados europeus puzeram-se a exercer o banditismo. Mudam os actores, mas o drama não muda. E' sempre a mesma extensivomania, a mesma sede kilometrica, a mesma conquista dos mercados a mão armada. Não tenho que particularisar, esmiuçando a sua historia sangrenta. Não ha um só isento de culpa e pena. Cada um por sua vez, segundo a oportunidade, ou a hora fugitiva que os faz grande e solennemente armados, prezo a sua soberania nos limites do seu poder de assaltar e saquear. Todos elles deixaram-se ulcerar pela cobra e pela rapina.

Quando a Alemanha entrou na arena desses galadiadores, já era tarde. Não ponde realisar o seu sonho de Mittel Europa. Graças a esse fracasso, é que Portugal mantém as suas colonias. E no entanto, visto do alto, o Estado allemão, era simples aperfeiçoamento do espirito internacional da Europa; fruto da mesma arvore de espoliação e de violencia.

Para a patria nada ganha com a kilometritude desses Estados. O povo não augmenta de um centil os seus magros haveres com a conquista de territorios, ou com

a expansão brutal dos mercados. Os premiados da loteria da guerra, são unicamente alguns capitalistas cupidos, negociantes sem entranhas e aventureiros da industria. O de que o povo se fartava, com a fartura dos traficantes guerreiros, é com o enriquecimento da vida, com a difficuldade do alojamento, com o luto das familias.

Mas a força de soffrer a consciencia popular ha de desligar a idea de patria da idea de Estado. O sentimento nacional repousa sobre o povo; nelle é que se aninha o patriotismo. Ora, sentimento de patria vibra de amor pela defesa, e não pela aggressão. E quando o povo tiver consciencia de que esses Estados fazem-no soldado da injustiça, da espoliação, do aviltamento dos povos confinantes, da conquista de colonias longinquas para os seus dominadores e parasitas, nesse dia elle não morrerá pelo Estado, pensando que morre pela patria. Quando chegará esse dia? A União Ibero-Americana ha de por em relevo natural e separar em linhas mais nitidas a idea de patria e a de Estado, como a Renascença dilatóu a area da mentalidade humana.

O que existe no meio internacional da Europa, é o chaos do direito, é a anarchia. Não o digamos, pois, civilizado, mas rico; não o tenhamos por culto, mas deformado por uma cultura mental azinhavrada; não digamos patrias europeas, mas plutocracias, Estados plutocraticos. Não ha civilização sem conforto popular, sem direitos populares. Ora, esses direitos só existem para os poderosos, os chefes politicos, os capitalistas, os barões da industria, os grandes capitães.

A ORDEM INTERNACIONAL: A AMERICA DO SUL

E' nesse meio governado e dilapidado pela aggressividade de Estados poderosos que vivem a Hespanha e Portugal. A península iberica está como ovelha no meio de lobos. Para que devam ao mundo a America do Sul, para que semearam o seu genio através de um continente, para que "sulcam mares nunca dantes navegados" e plantaram a Cruz nessas terras longinquas? Não foi para perpetuar as tradições de rapina; ellas nunca germinaram nas terras de além-mar. O meio internacional, que aqui se vai engendrando, é o mais equitativo que conhece a historia. Nem expansões nem annexações. Nem guerras injustas nem esbulho, nem culto alguma pela força armada e suas façanhas. Os heroes americanos não são Annibal nem Napoleão. São homens que representam a libertação de povos opprimidos, são bandeirantes do direito, são a cavallaria do ideal e da justiça. Batem-se para libertar e não para escravizar. Ah! estão Miranda, San Martin, Bolívar, para comprová-lo. Não esgotam os vencidos com tributos de guerra a toda a sorte de vexações. O Paraguay e o Uruguay que o digam, se o Brasil cobrou a sua victoria como os Shillock europeus.

Em que terra da Europa encontram estrangeiros a plenitude dos direitos que lhes concedemos nós, — os americanos do sul? Quando fechamos fronteiras a budhistas, chinezes ou negros? Quando praticamos expulsões em massa? Quando cerceamos direitos dos que aqui convivem, como fizeram com polacos e judeus, e tantos outros? Quando marcamos areas territoriaes para a residencia de estrangeiros, como se faz na Europa? E' lá que o estrangeiro tem o seu direito cercado, limitado. O exercicio de sua actividade profissional ou industrial não encontra portas abertas. Nenhum embargo se melhante existe na legislação sul-americana. O Brasil abre a marcha do liberalismo juridico. Foi o primeiro povo a dar ao mundo o exemplo de fraternidade, quando, com o advento da república, franqueou a grande naturalização e com a sua Constituição prohibiu guerras de

conquistas. Legislação ideal, que estende horizontes, que quebra fronteiras de raças ou de religiões, que reconhece o homem sob todas as latitudes, uma vez que trabalhe. A nossa tradição é por juristas, entre os quaes a justiça internacional, pregada avulta o grande nome de Ruy Barbosa, o defensor do direito estrito nas relações entre povos, tribunal de Haya.

Tudo Estado que não augmenta, diminui, dizia Catharina II. "A força sobrepuja o direito", confirmava Bismarck. E outros lemmas politicos deste jaez orientam os estadistas da velha politica. Não é assim o espirito sul-americano. Aqui não se anda a torcer a verdade, a atormentá-la com sophismas escuridos, chamados darwinismo social, ou economia nacional, a praticar a pilhagem em nome da patria, que entra assim degradada nos archivos da historia.

Tudo nos une, nada nos separa, é a voz do continente, encarnada no verbo de um dos seus maiores estadistas. Que diz ella, senão alliança, cooperação de actividades, associação de esforços contra o meio physico e não contra povos, federação de nações, guardando cada qual a sua autonomia, para a defesa continental contra os tyrannos seculares, que surgem sob nomes variados através dos tempos? Ora, é o perigo hollandez, ora o inglez, ora o francez, ora o perigo yankee, amanhã será o japonéz, depois um outro, consoante as mutações do scenario dos povos fortes. Povos fortes! Que força é essa que traz o seu proprio veneno nos flancos, que vem ao mundo ferido no seu nó vital? Que valem esses imperios organizados pela força? São fitas cinematographicas, que mudam perpetuamente, porque a força brutal passa de continuo da direita para a esquerda, corre daqui para ali. Um simples accidente do mundo physico o destróe.

Para anniquillar a "invencível armada" bastou uma tempestade. Para perder uma grande batalha basta uma fistula, ou um desequilibrio mental no que tem a unidade do commando. Povos fortes seremos nós, quando comprehendermos a fraqueza da força armada e a grandeza da associação, dos laços federaes que nos hão de trazer a paz pela organização do direito, que nos hão de fazer respeitados pela unidade de vontade pacifica, pelo trabalho honrado, que é a luta contra o mundo physico, donde vem a riqueza, o commercio, a industria, a arte, a sciencia.

Porque tudo está na natureza. E' nos meios naturaes que havemos de haurir a seiva vital: é pelo trabalho applicado a materia bruta que havemos de ser fortes, e não pela luta do homem contra o homem de nações contra nações.

Aos lemmas politicos dos estadistas europeus oppomos o nosso: "A san politica é filha da moral e da razão", dizia José Bonifácio. Da moral, isto é, do producto culminante da nossa natureza, da mais rica inflorescencia de nosso espirito: justiça, dever, probidade, trabalho, família, patria, tudo que dá alegria de viver, que eleva o homem, que o destaca do mundo animal, que o desata dos instintos inferiores e que o repõe no quadro de rei da criação. Da moral, isto é, pratiquemos os preceitos mosaicos e a humanidade sentirá o influxo de nossa altitude, gravitará em torno de nós, como a mariposa em torno da luz. Comecemos pelos mandamentos: "não furtarás, não matarás", e as guerras cessarão, porque o espirito guerreiro, o paganismo armado, a ressurreição dos barbaros.

A san politica é filha da moral e da razão, dizia o patriar-

cha do Brasil. Mas a razão não pede explosões de força brutal, parasitando-se com o pilhar de povos ou a conquista mercados pelas armas; ella não sanciona a avidez, a cobiça, o sensualismo, a corrupção, de costumes que fructificam na Europa e na America do Norte. Ella postula o meio juridico para desenvolver-se, e criar a sciencia; o trabalho pacifico, dentro da ordem e do direito, para cultivar as energias humanas; e proclama a preponderancia da alliança sobre o combeto, da associação

CeDInCI

Fondo José Ingenieros

Serie:A.: 1.: 2.....

Signatura:

Nº de Doc.:4.....

Folios:4.....

CeDInCI

associadas para a luta contra o mundo physico, e não para lutas corpóreas de homens contra homens, de povos contra povos.

A DEFESA SUL-AMERICANA

Quando povos se batem, elles pilham, roubam e matam: não produzem, não criam riquezas, não transformam o planeta, não agem sobre o meio physico, que é a fonte de todos os valores.

A associação é a chave do universo. A familia vem do par conjugal; a tribo da união das familias, a cidade da associação e tribus, a provincia provem do laço espirital entre as cidades, e a nação está fundada, quando se formou o nexo que liga as provincias em uma unidade superior, que preside a todas essas associações elementares.

O mundo vivo repousa sobre flâmes, sobre feixes associados. A cellula é o elemento commum e fundamental; associadas formam tecidos; estes associam-se e formam órgãos, que reunidos, constituemapparelhos e systemas.

O homem é o resultado desta federação de elementos. O proprio mundo physico, com seus átomos associados formando moleculas, com suas moleculas formando a materia, com os seus systemas astronomicos e sideraes, repousa sobre uma base evidente de associação. Aproveitemos a grande lição do Cosmos e façamos a federação luso-brasileira, estendamo-la á península ibérica e teremos a confederação ibero-americana, dilatemos o seu raio de influencia salvadora e já se desenha a união federal dos povos latinos.

FUNDAMENTO DAS NACIONALIDADES

Que são as patrias modernas, senão resultado desse processo formativo, que dissolveu antagonismos locais, que reduziu antigos odios provincianos, que operou a fusão de regionalismos intransigentes e cegos, por meio de alianças successivas? Qu'ora não se comprehendiam as vantagens da associação para fundar a patria; oppunham-se, resistiam aos visionarios e sonhadores, que queriam vencer regionalismos, odios historicos, interesses mal comprehendidos. Unir o Languedoc, a Provença, a Bretanha, dar um mesmo governo a essas unidades rivaes, cloas, activas da sua soberania, apegadas ás suas tradições, acorrentadas aos seus usos e costumes, separadas pela lingua e apenas ligadas pela subordinação de vassalagem ao rei, que utopia, que sonho absurdo! Nessa época a fronteira das patrias oscillava com os casamentos reaes, sem commover alguém, porque o patriotismo não existia, sob a forma por que o concebemos hoje. Se havia enlaços de reia, pouco importava que a Bretanha fosse levada em dote nupcial. Reinem os Valois ou os Plantagenitos sobre o territorio francez, isso não tinha importancia. O que fazia vibrar o sentimento patriótico era o ultrage á Bretanha, ou á Provença. A patria não existia antes da unidade, mas simples provincialismo. Onde não ha unidade, não ha patria e por isso é que certas provincias pediam auxilio de estrangeiros, de povos alienigenas contra os reis de França.

O bretão amava a Bretanha e não a França, e assim por diante. Sem unidade não ha patria, ao passo que o Estado pode existir sem ella. Ora, o nosso continente tem unidade geographica, tem unidade historica, quasi a mesma lingua, a mesma formação democratica, os mesmos problemas sociais e juridicos, os mesmos perigos. Ha entre nós o esboço de um super-organismo que nos ha de precipitar numa confederação sul-americana. Que esse "nusus" formativo abranja a península ibérica, a cellula-mãe da grande civilização a que está destinado o Continente, que o espirito de justiça e de concordia estenda antenas espirituas a essas velhas nações, tão memoraveis pelo seu passado, tão dignas de resurreição grandiosa, que se tornem reciproca-

mente fortes pela união, grandes pelo exemplo de paz que elaboram, que derrubem tradições de violencia, pelos laços moraes e federativos, são as aspirações mais ardentes de muitos visionarios de hoje, entre os quaes sobreleva o dr. Bettencourt Rodrigues, homem da raça desses bandeirantes dos dois mundos, que por terem a cabeça e o coração divididos entre duas patrias, vêem nellas simples provincias de uma grande unidade fundamental que se desenha em germen, e que já se esboça nos longes do futuro, como uma grandeza moral, uma grande força espirital.

Em 1318, Felippe V, o Longo, reuniu os Estados Geraes, e apresentou-lhes o projecto da unidade de moeda, de pesos e medidas. A proposta foi rejeitada. Os espiritos positivos de então lobrigaram-lhe nas dobras não sei que ataque ás liberdades populares e ás tradições dos antepassados. Preconceitos vetustos, rotinas pegonhentas exacerbaram-se e o orgulho regional levantou a cabeça. Era preciso reagir contra a aggressão e como desforra, os deputados do sul da França reclamaram moeda especial para o Languedoc. A unidade de pesos e medidas é coisa de vantagens para o mundo e que não prejudica interesses de povo algum. No entanto, ainda hoje, a Inglaterra e a Russia isolam-se do concerto internacional das necessidades humanas e não tornaram obrigatória a reforma, tão simples e tão pratica, mas a que se oppõem injustificaveis orgulhos nacionais. O acabamento da unidade franceza, a integração dos seus elementos nacionais, foi elaborado lentamente. Ainda nas vésperas da revolução homens do mais alto quilate mental, como Rabaut de Saint-Etienne, Mirabeau e o grande jurisconsulto Portalis, o futuro redactor do Código Civil, consideravam sonho a realisação da unidade por meio da associação das provincias.

Pois, sonho analogo está em gestação no pensamento ibero-americano. Homens de escol, representantes de uma grande corrente liberal, não temem alargar as fronteiras de suas patrias unificadas, organizadas para o trabalho e para a paz social, e pedir a união alfandegaria entre os povos do continente e os seus ancestraes da península, e approvam sem hesitação a unidade da moeda, que representa economia de esforço, economia de tempo, e facilidade de toda ordem. Nenhum de nós identifica a grandeza da patria com pesos, medidas e moedas, deste ou daquelle feitio, senão que os pressa unicamente como instrumento de relações commerciaes. A patria está com a facilidade das trocas, com a rapidez e perfeição da organização social, com a distribuição da justiça, e não com ferrenhos orgulhos guerreiros.

A Italia foi theatro da mesma illusão, asylo da mesma rotina. Veneza, Florença, Genova, Naples, Roma, Pisa, Livorno e outras soberanias de outrora são potencias irreductiveis, que se combatem, se degladiam, se detestam. A prosperidade de uma era a ruína das outras. Pensar na unidade italiana era mais do que utopia: era um crime! Ninguém ousasse sonhar a federação dessas pequenas patrias. O patriotismo era um sentimento meramente regional e consistia em defender Veneza ou Florença contra algum principe ambicioso, que se pretendesse unificar. Monarchia panitaliana, isso nunca: os patriotas correriam aos campos de batalha para salvar a sua republica, o seu ducado, o seu reino. O proprio Napoleão, em pleno século XIX, considerava impossivel a unidade italiana. Finalmente, correm os tempos, e já Bianchi Giovanni discute a idea, ainda que para repellil-a. "A unidade italiana, dizia elle, é uma concepção mystica, na qual o real é substituído pelo imaginario, na qual não se leva em conta o que foi estabelecido pelo tempo, pelo habito, pelas tradi-

ções tres vezes seculares e pelo direito em vigor. Pretendem fazer taboa rasa disso tudo por meio de um condão magico. Pretendem mudar em um dia o coração e a cabeça de vinte e quatro milhões de homens e destruir os preconceitos, ou se quizerem, as condições e os interesses a que estão ligados ha um tempo immenso..." (Novicow).

FUNÇÃO DA ELITE SOCIAL

No entanto, apesar da grita dos conservadores e carranças de todos os tempos, fez-se a unidade da Italia; foi até um dos factos mais bellos da Historia Universal. A patria italiana cresceu e prosperou gesassombadamente, em todos os ramos da actividade humana. Constitue hoje uma das nações mais progressivas e intellectuaes do velho mundo. Não foi preciso mudar a cabeça nem as idéas de vinte e quatro milhões de homens; bastaram o genio de Victor Manuel, de Garibaldi, de Cavour. A elite social é a vanguarda do mundo das idéas, quando se não deixa corromper; e quem quer que pense para o paiz, rico ou pobre, que se movimente, que discuta, que pregue, que agite idéas, que se opponha ou applauda, que reclame o seu direito, que resista á violencia, quem quer que elabore o pensamento para tornal-o colectivo, faz parte do sensorio social, exalta a consciencia de patria. As idéas partem do centro para a peripheria. E' o que se deu na Italia, é o que acontece em toda a parte. Assim fizeram-se as democracias sul-americanas, assim no Brasil a abolição e todas as suas grandes reformas; assim far-se-á a co-opeção sul-americana, assim realisar-se-á o pensamento federativo das duas penínsulas a ibérica e a latina. Quando homens representativos desses dois mundos se entenderem, e pesarem as vantagens reciprocas da união, quando palpitem de emoções generosas, ao visualisarem a grandeza, o poder, o progresso, a segurança, a nobreza moral e a accumulção de energia espirital que defluirá pelo mundo com a união de todos os filhos de Colombo e Cabral, então a confederação ibero-americana será feita, e não haverá forças materiaes que lhes impeçam a união, não haverá armada de piratas ciumentos que lhes corte o surto generoso, nem exercitos imperialistas que lhes prohibam o amplexo de paz.

PATRIAS SUL-AMERICANAS

A formação das nacionalidades sul-americanas foi um incrementar pacifico de alianças, um preponderar crescente, continuo de associação sobre as lutas, uma affirmção instinctiva do espirito cooperativo e nacionalista. Aqui não houve luta de raças, nem de linguas, nem opposição de interesses dynasticos, nem se levantaram provincias entre si, chelas de odio e discordias. Unidade de vontade, unidade de pensamento e fundação das nacionalidades. O sentimento patriótico brotou desde logo impetuoso, ardente, triumphante. A homogeneidade dos interesses produziu a solidariedade moral entre os nativos que, já antes de adquirirem a soberania, eram principios espirituas, isto é, nações. E venham scientistas famosos, como Gustavo Lebon, pregar-nos a decadencia sul-americana, convencer-nos de raças inferiores! Inferiores porque não temos o culto da força, porque não queimamos incenso nas aras da guerra, porque não havemos de erguer uma civilização nos velhos moldes europeus, e sim uma cultura nossa, original, sem precedentes no passado, orientada pela democracia authentica, que havemos de exaltar pelo voto obrigatorio e secreto, que havemos de sublimar, tornando conscientes as massas populares, filhas da imprensa livre e san, cultura baptizada pela victoria do liberalismo, confirmada pelo ascendente do espirito de progresso sobre o da rotina, ahirmada pelo surto da liberdade sobre a oppressão, ungida, pela crucificação da força na cruz da Justiça!

CeDInCI

Fondo José Ingenieros

Serie:A: 1: 2.....

Signatura:

Nº de Doc.:4.....

Folios:4.....

CeDInCI

O PERIGO

A Europa e os Estados Unidos contemplam este vasto continente com a cobiça no coração; o Japão mysterioso e temido, acerca-se d'elle, penetra-o, e não se deixa assimilar; nelle trabalha como um corpo estranho, como raça de mentalidade mui diversa, impenetravel aos nossos sentimentos, indifferente, ainda que permeavel, ás nossas idéas. Todos elles cobram esse enorme territorio, de fertilidade sem par, de recursos inexplorados. Estendem compridos olhos sobre esse litoral immenso, destituido de couraçados e de machinas de guerra, e não vêem exercitos formidaveis, nem espirito militar na sua gente. Que estão a olhar, senão pequenos desfallecimentos de nossa vida interna? Que desejam, senão erros de nossa organização social? Que lhes agrada, senão a nossa prodigalidade? Que afundem a mão no thesouro, que lancem empréstimos sobre empréstimos, que sobre carreguem o fundo negro do quadro em que viverão as gerações futuras, já tão oneradas pela guerra! Que lhes importa ao expansionismo europeu, ao imperialismo yankee, ao secreto e formidavel impeto guerreiro do Japão, os nossos erros internacionais? O que lhes convem são as falhas da nossa politica interna, são revoltas e revoluções politicas, são dificuldades do erario que lhes confirmem o conceito de raças decadentes, de povos ingovernaveis, dignos da tutela, da esphera de influencia, do protectorado. Isto sim. Isto virá resolver a crise mundial que prepararam. A Africa foi dividida e partilhada, a Oceania tem seus senhores, a Asia vai sendo retalhada, começa o inventario da America do Sul. Não se appella para a doutrina de Monroe. No grau de cultura a que chegamos, semelhante doutrina avilta-nos aos olhos do mundo. De tutelar que possa ter sido, num passado proximo, tornou-se agora simplesmente perigo americano. Um protegido é sempre um subordinado. Um protegido é sempre mais fraco, e não temos necessidade de ser fracos. Ahi está o continente inteiro a pedir a força pela União. A união faz a força e tudo nos une, nada nos separa. Allas o poder das esquadras nos não salvará; o poder militar nos não servirá de defesa. Pois não vemos os proprios grandes Estados militares temerem-se reciprocamente? O americano teme o japonês, e arma-se. O japonês não engole a afronta americana, e põe-se na estacada. Quaes dos grandes Estados não estão cheios de prevenções reciprocas? Temem-se, porque a todo momento o eixo da força bruta póde ser deslocado por meio de alianças, inesperadas para a sua victima. Mas, quando os fortes combatem com medo, é bem facil entenderem-se, fazendo a partilha dos fracos. Falta-nos o solo de sob os pés, allegarão estadistas idolatras da força bruta. A super-produção afoga-nos e as mercadorias embooram nos armazens, dirão, sem ver que o mundo morre de fome, por ausencia de justiça distributiva desses Estados armados, como bandidos. Ahi estão povos incapazes, como os da Argelia, raças decadentes como as da Africa, recursos sem conta inexplorados, riquezas que não podem ser segregadas da circulação universal. Porque havemos de devorar-nos? Vamos a elles. Façamos a escola de civilisal-os.

VANTAGENS GERAES DA UNIÃO

Sabemos defender-nos, appellando para o velho instinto de união que está em nossa propria historia. Organise-mos a confederação da Iberia e da America latina. Desse modo ficará conjurado o perigo imperialista, esteja ella onde estiver, nos Estados Unidos, no Japão, ou em qualquer guélla voraz. Sem laço federativo, ou sem confederação desses povos, a segurança será vaga, quebradiça, instavel, como a vida interior da Italia e da Alemanha antes da unidade. Encaradas as coisas por um prisma mundial, a nossa unidade não está feita. O destino havia reservado estes povos para uma grande união solenne, unica e

veneravel. So agora é que vamos tomando consciencia de semelhante decreto natural. Apressemos o processo formativo que nos indica a natureza. Tornemos pensada a evolução do mundo, e não mecanica.

A consciencia é o ultimo termo da evolução biologica dos individuos vivos. Ella é tambem a forma mais alta da evolução social. Quando os povos sentem a fermentação subterranea dos seus destinos historicos, quando uma série de causas naturais está a apontar a consciencia dos pensadores, a elite intellectual a marcha mais adequada dos seus factos politicos, elles se apossam do seu traçado, e mettem mão certa na seara do futuro. E' uma grande seara que pende do conagraamento. E' uma semonteira de grandezas proximas que se annunciam aos vindouros.

A perspectiva de um grande continente mourejando trabalho pacifico, ligado por laços politicos aos seus ancestraes, desatados de guerras de tarifas entre si, fazendo trocas commerciaes innumeraveis sem a espoliação alfandegaria, formando uma unidade politica que se estenda até ás colonias da Africa, vale por uma grande descoberta sociologica, por uma invenção de seguro contra a guerra e ha-de inaugurar uma era na historia, tão grande como a da propria descoberta da America, tão futura como a Renascença.

E' digna do espirito latino semelhante descoberta. E' digna dos descendentes de Bolivar o ampliare-mhe o pensamento, alargarem-no até á alma genitoral da raça, e abrangerem na mesma área de segurança ascendentes e descendentes, umbilicando o passado ao futuro, abrindo um horizonte novo a todos que, assim unidos e fortes, sem espirito de conquista, venham fechar um cyclo da historia e abrir uma era nova, — a da paz pelo direito.

A necessidade mais palpitante para o progresso de um paiz está na organização da segurança. Que valem direitos de cidadão, propriedade particular e publica, fortuna, opulencia do seu solo, tradições historicas, passado nacional; que valem industria, commercio, lavoura e sciencia, se a segurança externa é precaria, fragil, e está á mercê de embusteiros que se infiltram, a sorrelfa, de aventureiros cupidos e corrosivos como cancores, de Estados mascarados quem no ramo de oliveira, escondem o punhal, aguçado á socapa, a suar sangue na bainha, á tocaia do momento historico, da hora decisiva!

Como organizar a segurança externa do territorio nacional? Como defender a patria contra as invasões depredadoras de Estados imperialistas? Será imitando o modelo classico do passado, estendendo além dos limites o serviço militar obrigatorio, esgotando o cofre nacional com o multiplicar de couraçados e de torpedeiros, de canhões no cume dos montes, nos alcantãs dos Andes, de submarinos nas profundidades dos mares de esmeralda? Será armando o coração dos vindouros, enchendo-lhes de fel e de odio, decretando a servidão militar, desde o ventre materno, a todas as gerações nascituras? Não. O armamento guerreiro não dá segurança. Onde houve jamais maior armamento do que o da Alemanha neste seculo? Foi vencida pelos alliados. Nenhum povo mais bellicoso e ardente do que o francez, quando fascinado pelo "heróe de mil batalhas", foi vencido pela união. A união derrota todas as forças aggressivas. O poder militar não traz a segurança; ao contrario, gera a prevenção, o temor, o odio. A segurança de um paiz é função do seu sentimento juridico da somma de justiça externa e interna que pratica. Fundamente-se a patria em alianças gigantescas, em associações naturais, orientadas para a paz e para a justiça, que ella engendrará a maior segurança politica e militar que o mundo tenha visto. Uma patria assim unificada, guardará sua autonomia até á consummação dos seculos, porque será amada por sua justiça,

CeDInCI

Fondo José Ingenieros

Serie:A: 1-2.....

Signatura:

Nº de Doc.:4.....

Folios:4.....

Estad. São Paulo
16-11-22
4)

e defendida até a medula dos seus ossos. A idéa de justiça é a mais alta do espirito humano, a mais difficil de ser incorporada ás instituições, a mais preciosa e authentica garantia do progresso. Não ha progresso sem justiça. Injustiça na vida interna das nações quer dizer desigualdades artificiaes, privilegio, monopólio, extorsão popular, oppressão, escravidão, amordaçamento das liberdades, isto é, patria dividida, patria infeliza. Onde não ha organização da Justiça, não ha patria unificada: ha odios nos corações, divisões regionaes, separações de grupos, lutas para reivindicacões, desforras, vingancas sociais, alcoolismo, tuberculose, impudismo, moradas sem ar nem pão.

Neste continente, ha um gravitar continuo, incessante, para uma maior somma de justiça. Sob pena de morte, as nações sul-americanas não devem seguir o modelo europeu, de segurança precaria, impropicia; sob pena de ruina, não podem inaugurar o systema da paz armada, ainda mais fatidico do que o estado de guerra.

Comecem por sanear o meio internacional proximo, aquelle em que vivem mais directamente. O universo é um todo solidario. A Europa receberá gradativamente os círculos concentricos dessa rotação pacifica.

Hespanhoes e lusitanos, que vivem como ovelhas no meio de lobos; sul-americanos, fracos porque desunidos politicamente, não sentem uma vibração de vontade collectiva, uma volição ibero-americana que se esboça, formidavel, heroica, maior do que todas as glorias do passado, uma força plastica que nos precipita em unidade espiritual, que nos reúne em solidariedade através dos oceanos, que nos liga o passado e o futuro que nos desata barreiras economicas e alfandegarias, que nos entrelaça as sciencias, as artes em formação, as industrias incipientes, que nos dilata o commercio, que nos escancara as portas do mundo, que nos entrega os mares, que nos arma cavalleiros da justiça contra a opressão, da paz contra a guerra, da economia universal contra a economia regional, do commercio livre contra o monopólio, da defesa do erario do mundo contra os ladrões do mundo?

Se presentis essa volição, essa vontade collectiva no berço, se asentae esse murmúrio do futuro, é que somos um super-organismo, o nada no mundo prevalecerá contra o espirito ibero-americano, a mais bella variante do espirito latino.

Não ha como o alargamento da visão mental para fomentar o progresso e fazer a felicidade humana. Escassa é a seara da rotina e do preconceito. O progresso das sciencias exprime-se numa redução continua dos erros do passado e na ante-visão das leis naturaes, isto é, das relações necessarias que derivam da natureza das coisas. Mas o erro resiste tenaz e obstinado na proporção dos interesses que lhe são adherentes. A verdade não sobrepada nem se impõe ao primeiro surto. Occultam-na interesses de grupos, interesses de poderosos, que se colligam na mesma exploração de povos. Isso deu-se com o chamado darwinismo social. Transportaram uma grande parte das verdades biologicas para o mundo politico, e a sciencia poz-se a justificar a victoria dos fortes, o esmagamento dos fracos, as vantagens da espoliação e da guerra. falsificaram a sciencia para explorar o patriotismo, identificando-o com a conquista. Mas a luta no mundo vivo não se dá entre animaes da mesma especie. Lobo não come lobo e os tigres não se devoram entre si. A invenção e a descoberta, todos os progressos da sciencia, e por consequente da agricultura, do commercio, da industria, não são devidos a lutas biologicas, a aggrèsões corporaes de homens contra homens, de nações contra nações. A luta humana é unicamente legitima contra os meios naturaes. Quanto mais homogenea a associação dos

elementos humanos para haurir a seiva dos elementos naturaes, tanto mais intensificada a produção.

Ao contrario do dizer comum, a verdade conquista-se com duro labor e pertinacia heroica. Haja vista a epopéa de Colombo, de Vasco da Gama, de Fernando de Magalhães. O genio ibérico veio derrubar o erro vetusto da terra chata, a que estavam incrustados interesses escripturarios. Os dominadores do tempo não discutiam nem toleravam duvida alguma sobre os textos biblicos. Por isso os heroicos navegadores desceram as cortinas de um novo Continente e voltaram a mais bella pagina da historia — a Renascença.

Portugal vae descerrar de novo a cortina dos mares. Desta vez não se apresentará á ribalta um continente desconhecido, mas o fruto mais bello e querido do seu genio: o Brasil. Elle é quem vae plantar no velho continente o seu espirito de paz, onde desabrochou as suas energias, onde se incrementou a sua seiva de mocidade. A união politica dos luso-brasileiros será de certo o primeiro germen das instituições ibero-americanas. Basta olhar a carta geographica. Com que defrontam as nossas costas maritimas interminaveis?

Com as colonias portuguezas ameaçadas, invejadas, cobiçadas pelos Estados insaciaveis de territorios alheios. Mas essas colonias ameaçadas offerecem uma base de segurança aos luso-brasileiros, estão a pedir soccorro á nossa imprevidencia, estão a proclamar uma politica de união confederativa, espontanea, natural, estão a dizer aos homens de Estado: eis aqui a confluencia dos nossos mares, preservados até hoje da rapina e da violencia: tomae-o, fazei-o "Mare Nostrum". Olhem que os piratas não dormem. "Sursum corda". Elevemos os nossos corações, depuremos os nossos melhores sentimentos em favor de brasileiros e portuguezes vindouros, que serão grandes e fortes pela união. Já anteve-mos Lisboa como o grande emporio da Europa; já o Rio de Janeiro é a terra classica da riqueza do mundo, dos aposentados da fortuna que, alli naquelle ambiente da grande esthetica da natureza, vão descansar e gosar os ultimos dias; já o porto de Santos congestionase numa plethora nunca vista de mercadorias. Mas não nos importa prever que grandeza reciproca advirá da confederação luso-brasileira, porque já estão a bater as portas da União os ibero-americanos, promovendo assim uma renovação dos processos classicos da luta entre povos, um como syndicato de nações pacificas, dispostas a libertar o planeta da oppressão millenaria e da millenaria miseria.

Oxalá, lhe assimilemos a grandeza e o poder de ressurreição desta semente, de onde germinará uma sementeira de povos, que hão de multiplicar a segurança e a produção economica e scientifica do mundo. Será a regeneração deste grande delinquente, — O Estado guerreiro, e o inicio do Estado juridico, isto é, simples aparelho de distribuição da justiça.

Honra ao apostolado desta ideal Honra ao dr. Bettencourt Rodrigues, a esse portuguez precursor que por amor della atravessa os mares, a esse luso-brasileiro que bate a todas as portas como Colombo, a esse ibero-americano que a propaga, ha um decennio, com a pertinacia de um apostolo e com uma fé viva que gera novos proselytos!

Alberto Seabra.

CeDInCI

Fondo José Ingenieros

Serie: A. 1. 2.

Signatura:

Nº de Doc.: 4.

Folios: 4.

CeDInCI